

Apresentação do dossiê

Sociologia do Amor: a construção do amor como categoria analítica nas ciências sociais

Organizadores

Maria Chaves Jardim (UNESP-Araraquara)

Tulio Rossi (UFU, Universidade Federal de Uberlândia)

Introdução

O cultivo do amor acompanha o ser humano ao longo dos séculos. Contudo, o amor somente se tornou objeto de reflexão científica em meados dos anos 1940, via Psicologia. De acordo com Sternberg (1997), Reik construiu uma primeira teoria sobre o amor com forte influência da psicanálise Freudiana. Apesar de Freud não ter escrito uma só obra dedicada especificamente ao amor, ele deixou importantes *insights* a partir de sua tese sobre o narcisismo. De acordo com Neves (2007), o estudo sistemático do amor foi iniciado em 1944, quando Llewellyn Gross publicou uma das primeiras escalas de avaliação do romantismo.

O estudo do amor como objeto científico não é muito comum nas Ciências Sociais, constituindo-se como interesse apenas de outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a filosofia, a literatura e mais recentemente, a neurociência, que também tem dedicado esforços para entender o papel do cérebro humano na construção da paixão (Raquel, 2021)¹.

¹ Disponível em: <https://www.ufjf.br/lanc/2021/02/04/neurociencia-do-amor/>.. Acesso em 16 de novembro 2021.

Segundo Sternberg (1997), nas ciências sociais apenas em 1970 o tema passou a ser efetivamente estudado. A demora em estudar o amor de forma científica pelas ciências sociais teve o argumento de que o amor era demasiado misterioso e intangível para ser observado de forma rigorosa e sistemática.

Contudo, se considerarmos algumas possíveis abordagens sobre o amor presentes nos clássicos da sociologia, como também a produção mais recente realizada pela Sociologia, pela Antropologia e pelos estudos de gênero, existe uma razoável produção, mesmo que dispersa, sobre o tema nas Ciências Sociais.

Diante da expectativa de reunir pesquisas teóricas e empíricas que abordem o amor de diversos pontos de vista e de diferentes espaços das ciências sociais (sociologia econômica, sociologia da arte e da cultura, estudos feministas, antropologia e sociologia das emoções), apresentamos o presente Dossiê na revista TOMO, que resulta de um conjunto de iniciativas dos organizadores em torno da construção de uma possível sociologia e antropologia do amor².

1. O amor: dos clássicos aos contemporâneos

Nesse interim, é possível perceber a contribuição dos clássicos da sociologia francesa e alemã no tema. Para os alemães o amor aparece como erótico (Eros) e para os franceses, o amor é tratado como fio condutor das relações coletivas, ou seja, o amor como *Ágape*.³

Nos clássicos alemães, o amor aparece dentro de uma discussão mais geral que busca compreender a modernidade, que, por

² Os organizadores do dossiê tiveram a aprovação da Mesa Redonda, “O amor como fenômeno sociológico” na Anpocs e do minicurso, “A sociologia do amor” na SBS, ambos realizados em 2021. Além disso, oferecem disciplinas sobre sociologia do amor em seus Programas de Pós-Graduação, além de orientar pesquisas no tema.

³ Vandenberghe (2006) define quatro tipos de amor: Eros, *Ágape*, *Philia* e Interesse.

sua vez, traz consigo a construção da individualidade e da subjetividade, assim como a preocupação com a sociabilidade nas grandes cidades (Jardim, 2019); em Max Weber, especialmente, o tema pode ser vislumbrado no debate sobre o aumento da racionalização e do controle de pessoas, a privatização excessiva de indivíduos e a crise associada à perda de sentido da existência na modernidade. (Martuccelli, 2016).

Weber se posicionou sobre o amor em 1908, quando escreveu uma resenha sobre o livro do filósofo de Praga, Christian von Ehrenfels, intitulado “Ética sexual”, que foi de fundamental importância para o desenvolvimento da teoria sexual psicanalítica da época. Para Weber, a sexualidade e o erotismo escapavam, em última análise, a qualquer estratégia de racionalização e eram opostos a toda forma de orientação religiosa voltada para uma ética da convicção. O autor vê uma tensão inegável na conduta erótico-estética com as realidades do mundo moderno racional. A importância que Weber dá ao amor é tão grande que ele define a esfera erótica em sua obra, colocando-a como a esfera capaz de dar sentido à vida dos indivíduos. Radicalizando seu argumento, podemos pensar que o amor seria uma forma de escape do desencantamento do mundo, trazidos pela racionalização.

Em diferentes ensaios clássicos reunidos no livro “Filosofia do Amor” (2006), Simmel rompeu com a filosofia da sua época, que tratava o amor como uma abstração do amor ideal. Tratando-o como uma categoria e fugindo da noção de amor ideal, Simmel abandona o primado da teoria sobre a práxis e vê o amor como uma práxis, como algo empírico, sendo importante elemento de sociabilidade e da construção da subjetividade dos indivíduos na passagem do século XIX. Tal posicionamento difere da concepção de amor de Platão, exposta no livro “Banquete” (1991), que trata do amor sentido individualmente, sem interação com o “outro”; ou seja, a figura do “outro” é abstraída para se atingir uma transcendência que seria o belo em si.

No livro “Sexo, Luxo e Capitalismo”, Sombart (1912) argumentou que a secularização do amor teria levado ao prazer, ao luxo e ao refinamento dos sentidos. Para o autor, a secularização do amor começaria após o fim das cruzadas, quando três acontecimentos concorreriam para uma profunda mudança na relação entre os sexos: a formação das cortes europeias, a necessidade de esbanjamento dos burgueses enriquecidos e a criação das cidades como centros de consumo. Sombart acrescenta a participação ativa da mulher cortesã que, com uma impetuosidade refinada, contribuiu para desvincular encantos e gozos do amor da instituição casamento, colocando-os em um outro espaço, o da ilegalidade e da concubinação. Sombart deu destaque ao prazer proporcionado por mulheres cortesãs de diversas origens (mulheres casadas e abandonadas por seus maridos, moças “enganadas” por seus noivos), enfim, mulheres que “tinham berço” e que possuíam “o bom gosto” que teria se difundido pela Europa. Para o autor, o amor secularizado, lócus dos impulsos das paixões, realizava-se na ilegitimidade, em paralelo com os casamentos formais para a reprodução biológica e social da burguesia.

Junto a essa tríade alemã do final do século XIX, lembramos a contribuição de Norbert Elias, realizada em meados do século XX. No “Processo civilizatório”, Elias mostra o papel do autocontrole na construção e na complexificação das emoções, bem como na subjetividade humana, relacionando-o como partes de um mesmo processo do desenvolvimento dos Estados com configurações cada vez mais intrincadas de relações humanas. A formação de um universo individual em contraponto a um mundo “exterior” – no princípio natural e, depois, social – contribuiu também para o desenvolvimento de modos de classificar e avaliar os próprios sentimentos em face da crescente demanda pelo autocontrole das pulsões, frente a possíveis sanções mais ou menos sutis. Nesse sentido, o amor aparece, nas artes e na literatura, como estado idealizado de liberdade e expressão genuína das emoções, como possível fuga, mesmo que temporária, do jogo calculista das relações figuracionais.

Na chave do amor Eros, temos algumas obras que já fazem parte do regime obrigatório de leitura dos pesquisadores contemporâneos sobre o amor, tais como “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos” de Bauman (2004), “A transformação da intimidade”, de Giddens (1993), “A dominação masculina” de Bourdieu (1998), “O caos normal do amor: novas formas de relacionamento”, do casal Beck (2001), “Homo Eroticus: comunhões emocionais”, de Michel Maffessoli (2014), “O amor como paixão”, de Luhmann (1991) e “O amor nos tempos do capitalismo”, de Illouz (2011).

No que se refere aos clássicos franceses, temos a contribuição de Comte e de Durkheim. Juntos, os dois franceses nos aproximam do amor como ágape, ou seja, o amor vivido na relação com o coletivo, o que pressupõe elementos de abnegação, sacrifício e altruísmo.

Para os autores franceses, que buscam entender como a sociedade se mantém, apesar da chegada do individualismo, a ágape poderia ser vista a partir do conceito de altruísmo moral. Em Comte (1895), o altruísmo moral envolve a tese de que a sociedade é formada pelas famílias e instituições sociais, sendo que a família seria o espaço no qual as trocas escapam ao mundo mercantil. Os três componentes do altruísmo ali se encontram: a criança desenvolve uma veneração por seus pais e, especialmente, por sua mãe; os cônjuges são ligados pela união do casamento e, finalmente, os pais fazem valer sua bondade ao cuidar de seus filhos. Isso seria possível porque o cérebro humano seria dividido por uma parte egoísta e outra altruísta, sendo que o social reforçaria o altruísmo, em detrimento do egoísmo (Comte, 1895).

Em Durkheim (1893), o autor nega a tese dos economistas utilitaristas do final do século XIX de que a nova moral da sociedade capitalista seria a moral egoísta e individualista. Para o autor, a sociedade moderna possui uma espécie de solidarieda-

de interdependente entre anônimos, a solidariedade orgânica. Essa solidariedade permitiria que, apesar do individualismo, a sociedade se mantivesse coesa, pois era composta por algo que Durkheim chamou de altruísmo, um tipo de freio moral, nutridor do tecido social. É esse nutridor entre desconhecidas que estamos chamando de ágape. Para Durkheim (1893, p. 215), “onde quer que haja sociedades, há altruísmo, porque há solidariedade.” Durkheim atrela a coesão social ao princípio do altruísmo, que por sua vez seria a própria força que une o coletivo. Portanto, em Durkheim é um tipo de amor coletivo que fortalece os laços da sociedade e a ausência desse laço levaria a sociedade à anomia.

Na chave do amor Ágape, no livro *“L’amour et la justice comme competences”* (1990), Luc Boltanski define o amor como um regime de ação que permite que um indivíduo experimente realmente o outro, expressando um tipo de ação que rompe com a lógica da contabilidade, que ao seu ver, teria contaminado as relações humanas. De acordo com Boltanski, o amor na versão ágape é o único tipo de ação que “ignora a equivalência e minimiza a relação de cálculo” (Boltanski, 1990, p. 21). Para dar conta desse argumento, o autor analisa os atos de amor de São Francisco, encontrando neles uma força de ruptura em relação às expectativas sociais, ligadas à contabilidade e ao conceito clássico de justiça. De acordo com Boltanski, o amor seria o único tipo de ação que nos permitiria sair da justiça e entrar no estado de paz (Iorio; Cataldi, 2017).

Um outro nome que se destaca na contemporaneidade pelo viés do amor ágape é Axel Honneth (1992) que mostra, a partir da concepção hegeliana de amor, como o amor pode representar um primeiro estágio da teoria do reconhecimento. Nesse sentido, o amor representaria o núcleo original de toda ética e, portanto, seria apenas a partir de uma forma de relacionamento com empatia e amor pelo outro que se fundaria as esferas do direito e da solidariedade.

Longe de esgotar o assunto, essa síntese busca apenas demonstrar a fertilidade da agenda de pesquisa, sobretudo se ampliarmos as análises para além do amor Eros, e incluímos as outras formas de afeto existentes na sociedade.

2. Artigos que compõem o dossiê

Todos os artigos selecionados para esse Dossiê abordam o amor afetivo sexual como fio condutor em seus argumentos. No conjunto, os sete textos abordam o amor a partir de 3 grandes dimensões que, em alguns casos, se entrecruzam nos mesmos textos: em uma primeira dimensão, mais teórica e epistemológica, temos os textos de Danilo Martuccelli e Túlio Rossi, que contribuem fornecendo tanto questões quanto reflexões importantes para a operacionalização de uma analítica do amor a partir da sociologia, diretamente relacionada ao tema da individualização nas sociedades contemporâneas. Em uma segunda dimensão, temos as questões relativas a gênero, que por sua vez se entrecruzam com questões raciais, como no texto de coautoria de Maria Jardim e Renata Medeiros Paoliello e no artigo de Renata Matos; ou ainda, com o campo da cultura, caso de Raoni Barbosa e Jean Henrique Costa. A terceira dimensão é relativa às tecnologias digitais e suas influências nas vivências amorosas contemporâneas, e está presente nos textos de Larissa Pelúcio e Nayara Baiochi.

O Dossiê se inicia com o texto de Danilo Martuccelli, “La incondicionalidad amorosa: reflexiones para una teoria”, no qual busca compreender e sintetizar toda uma taxonomia do amor com base no conceito de incondicionalidade que ele define como uma certa disposição subjetiva e estruturalmente afinada para a reciprocidade e vínculo total, ou ainda, na linguagem romântica, trata-se de uma capacidade de fusão espiritual das subjetividades no exercício da entrega absoluta de si. O autor argumenta que a incondicionalidade do amor é o fio condutor de diversas

e distintas experiências amorosas (amor conjugal, amor romântico, amor erótico, amor parental, amizade, a caridade e o amor a si mesmo), sendo que a quebra da incondicionalidade seria a ausência do amor.

Em seguida, em “O amor como significação para uma sociologia da individualização: esboço de uma análise de relacionamentos afetivos na contemporaneidade”, Túlio Rossi argumenta que o amor emerge como tema de particular significância para a afirmação e reconhecimento de identidades dentro de uma cultura que enaltece a individualidade. Assim, aciona dois conceitos-chaves na discussão, o amor e a individualização. Fugindo de análises rápidas, que colocariam a individualização assim como o amor na chave do indivíduo descolado do social, o autor recorre a autores clássicos como Simmel, Elias, Bourdieu e contemporâneos como Lahire e Martucelli, que veem o processo da individualização e do amor em um processo relacional, cultural e simbólico. O artigo relaciona, ainda, o amor romântico como fio condutor da individualização, sem ignorar as tensões próprias dessa relação.

Por seu turno Maria Chaves Jardim e Renata Medeiros Paoliello abordam no texto “Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto”, as desigualdades e as hierarquias existentes no mercado do amor a partir de um estudo empírico sobre um público específico, as mulheres pretas, quando buscam identificar qual a mágica social (Bourdieu, 2004) que exclui essas mulheres do mercado do afeto. Trabalhando com 64 questionários, as autoras identificam que o racismo cria barreira no mercado do afeto, levando a exclusão dessas mulheres do casamento e de sonhos românticos; indica, também, que as tomadas de posição afetiva dessas mulheres não se encaixam em nenhuma das quatro abordagens catalogadas pelas autoras sobre o amor (amor líquido, amor romântico, poliamor, amor confluyente), chamando a atenção para novas teorias que possam dar conta da vivên-

cia afetiva das mulheres pretas e reivindicando a ideia de “amor pragmático” para falar dessa população.

Renata Matos apresenta o artigo “O amor e o abuso em Ponciá Vicencio de Conceição Evaristo (2017)”, no qual procura compreender como a construção social do amor se conecta à manutenção do relacionamento abusivo na obra literária “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo (2017). Dialogando com o enredo da personagem principal, Ponciá Vicencio, que é uma mulher preta e pobre, a autora explora como a atribuição de papéis sociais às mulheres e aos homens no seio da dominação masculina, atua na continuidade de relações abusivas, em que a ideia de cuidado como algo feminino é fortemente evocada, sendo que a personagem estudada vivencia o amor romântico por meio do cuidado e do fracasso afetivo.

O artigo de autoria de Raoni Barbosa e Jean Henrique Costa, “O amor como objeto socioantropológico: um estudo das emoções e das moralidades sobre o ‘Feminejo’” problematiza as noções êmicas de amor manifestas no subgênero musical identificado como feminejo. O texto confere destaque às lógicas interacional e moral-emocional mobilizadas nessas canções a partir de referências a traição, tanto no papel da mulher traída quando da amante; amores autênticos, amores de balada, entre outras noções recorrentes no subgênero. Com isso, o autor se volta para construção da figura da mulher amante no feminejo, apoiando-se nas contribuições teóricas da Sociologia e da Antropologia das emoções e da moral e identificando o empreendedorismo afetivo feminino subjacente a essa construção.

Larissa Pelúcio apresenta o artigo “A uberização do amor: aplicativos de encontros em cenário tecnoliberal e pandêmico”, a partir do qual promove interessantes entrecruzamentos entre a precarização das relações de trabalho contemporâneas acentuadas pela pandemia a partir do termo “uberização”, remetendo ao aplicativo de transportes, e uma possível

precarização das próprias relações amorosas a partir do uso de aplicativos tais como Tinder, Happn e afins. A autora relaciona as dinâmicas de utilização desses aplicativos, com uma busca por relacionamentos que, cada vez mais se aproxima de uma relação de consumo, explicitando relações nem sempre evidentes entre cultura, novas tecnologias de informação e comunicação e afetividade.

Em “Alma gêmea em Osmosis”, Nayara Baiochi parte da análise do primeiro episódio da série “Osmosis”, de 2019, veiculada pela plataforma Netflix para apontar possíveis relações entre ideais amorosos e o uso de novas tecnologias para a conquista desses ideais. O enredo do episódio analisado apresenta a criação de um aplicativo que promete, com o uso de recursos de inteligência artificial, o encontro da “verdadeira alma gêmea” de seus usuários, sugerindo proporcionar, enfim, o encontro definitivo do grande amor. Conforme a autora aponta na série de ficção científica, o aplicativo é desenvolvido em resposta ao seu “concorrente” que remete exatamente à ideia muito difundida hoje acerca de aplicativos de relacionamentos, de sucessivos encontros superficiais, passageiros e baseados apenas na satisfação erótica, de modo que a autora debate, a partir de minuciosa análise da construção narrativa do filme, percepções muito atuais e recorrentes sobre os potenciais impactos das novas tecnologias de comunicação e informação nas relações amorosas hoje.

Assim, procuramos oferecer aos leitores deste dossiê uma rica imersão no mundo da nascente sociologia do amor e lhes desejamos uma leitura prazerosa que suscitem reflexões sobre si mesmos e sobre a sociedade afetiva que vivenciam.

Referências

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BOLTANSKI. *L'amour et la justice comme competences*. Éditions Métailié, 1990.

COMTE, A. Plan des travaux scientifiques nécessaires pour réorganiser la société. In: COMTE, A. **Système de politique positive ou Traité de sociologie instituant la religion de l'humanité**. Paris: Larousse, 1895. p.106-129.

DURKHEIM, E. **De la division du travail social**: etudes sur l'organisation des sociétés supérieures. Paris: Alcan, 1893.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. V. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. Editora Unesp. São Paulo. 1993.

HONNETH, A. *Kampf um Anerkennung. Grammatik sozialer Konflikte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

IORIO, G.; CATALDI, S. Un concetto per la sociologia contemporanea: l'agire agapico. In: **Summer School – Agapic Action and Social Reality: social imagination to promote development, to build the future**. Igarassu, Pernambuco, Brasil, 2017.

JARDIM, M. A. C. Para além da fórmula do amor. **Política & Sociedade** - Florianópolis, 2019.

LUHMANN, N. **O amor como paixão**. Para a codificação da intimidade. Lisboa: Difel, 1991.

MAFFESOLI, M. **Homo Eroticus: comunhões emocionais**. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARTUCCELLI, D. As Ciências Sociais E A Procura De Sentido • **Estud. av.** v. 30, n. 86, •Jan-Abril, 2016.

NEVES, A. As mulheres e o discurso generalizado sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno do mito do “amor romântico”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2007.

RAQUEL, S. **Neurociência do amor**. UFJF, 2021. Disponível em: <https://www.ufjf.br/lanc/2021/02/04/neurociencia-do-amor/>. Acesso em 16 de novembro 2021.

SIMMEL, G. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

STERNBERG, R. J. Construct validation of a triangular love scale. **European Journal of Social Psychology**, v. 27, 1997, p. 313-335.

SYMONDS, M.; PUDSEY, J. . The Forms of Brotherly Love in Weber Sociological Theory of Religion. *Sociological Theory*, 2006

SOMBART, W. **Amor, luxo e capitalismo**. Lisboa: Bertrand Editora, 1990

VANDENBERGHE , F. **Amando o que conhecemos: notas para uma epistemologia histórica do amor**. Unisinos, 2006.

TORRES, A. Amor e sociologia: da estranheza ao reencontro. Comunicação apresentada no painel temático "Lugares e expressões de afecto". In: **Congresso de Sociologia**, 4., 17-19 abr.2007, Coimbra. Anais [...]. Coimbra: [s. n.], 2000. p. 10-11.

Weber, M. Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções in: TRAGTENBERG, Maurício (org.). **Textos Selecionados** / Max Weber. São Paulo, Abril Cultural, 1997. pp. 275-281. Disponível em goo.gl/4dfWZH.